



José Augusto Ribeiro, o Alarico e Magno Godoy, o Bruno em Mamãe Desce ao Inferno

O protesto de um ator demitido

Desligado da montagem de Mamãe Desce ao Inferno, o ator Antônio Filho enviou a este jornal a seguinte declaração:

"Se existisse no Espírito Santo um sindicato de artistas teatrais, estaria eu agora denunciando ao mesmo uma arbitrariedade trabalhista. Como não existe tal sindicato, alerto à Federação Capixaba de Teatro e ao movimento cultural a falta de ética exercida por um indivíduo ligado diretamente aos meios governamentais, ao Grupo Terra e, pior, indivíduo que ocupa a presidência da Federação Capixaba de Teatro Amador.

Foi devido ao aceno de um novo espaço cultural que o "discípulo" de Maquiavel conseguiu a minha adesão e participação na peça "Mamãe Desce ao Inferno". Foi devido a alegação de que o Teatro da SCAV seria administrado pela SCAV, DEC e FECATA, que ele fez-me gastar, do meu bolso, mais de Cr\$ 30.000,00 para ir a São José do Rio Preto e mais alguns tostões na confecção do figurino. Foi devido às afirmativas de que, após a reinauguração do Teatro da SCAV, teríamos força para novamente reivindicar o abandonado "MERCADO DA CAPIXABA" que aceitei trabalhar no Grupo Terra. Entretanto, o que estava oculto nos porões do teatro capixaba era que ele e mais alguns, que não são os proprietários do espaço, estão interessados em apossar-se do bem alheio para dele tirar proveito pessoal — ele e outros planejam desmoralizar aquele que construiu e, em primeiro lugar, realizou uma montagem teatral na SCAV, para depois... Deus sabe o que virá.

Foi por não concordar com este tipo de manobra que o rapaz afastou-se da montagem da peça de Amylton de Almeida. Foi por este torpe motivo que ele expulsou o único impecilho para concretização do seu

sinistro objetivo. Foi unicamente por mágoa que fez o que fez e isto é triste, é deprimente, é assustador, é um desrespeito a um trabalho. Tentário agora enlamear as minhas atuações, mas, esbarrarão no julgamento do público que as viu e na crítica de Chico Neto na Tribuna: "Jaime, personagem que mais parece candidato a presidente da Federação Nacional dos Porcos Chauvinistas, é vivido com esmero por Antônio Filho. Sua atuação, de tão boa, provocou um comentário de uma mulher na plateia: Sabe que me dá vontade até de dar uma porrada nele!"

Nunca usei, não usarei e, enquanto pulsar dignidade em meu corpo: não deixarei que usem a Federação Capixaba de Teatro em proveito próprio.

Não é a primeira denúncia deste gênero que é feita contra este rapaz. No ano passado ele já desrespeitou o trabalho de vários atores em uma montagem infantil, que ninguém sabe onde realizou-se e ninguém viu, quando deveria ter sido vista, pois recebeu um patrocínio altíssimo para sua realização. Este grupo deve Grupo, que grupo?! Ah! O Grupo do Eu Sozinho. Sim, porque todos os grandes e pequenos atores da Peça "Mamãe Desce ao Inferno" são oriundos e formados em outros grupos. Grupos estes que ele quis negar a existência e o trabalho no Festival de São José do Rio Preto.

Neste país muita coisa já está tendo um basta. Neste país estamos parando a opressão. Neste país nós estamos afastando o autoritarismo do poder. E, no teatro capixaba, chegará o dia, a hora e a vez do respeito ao trabalho, à honra e a liberdade de criação.

E a luta continua em prol de um TEATRO CAPIXABA MAIS DIGNO. Apesar de você — Renato Saudino, Antônio Filho, Vice-Presidente da FECATA. Em 16 de agosto de 1982"

Para um texto maduro, uma encenação eficiente

Tinoco dos Anjos

MAMAE DESCE AO INFERNO (de hoje a domingo, às 21 horas, no Teatro da Scav, à avenida Beira Mar, ao lado do Colégio Salesiano. Preços: Cr\$ 300,00, inteira e Cr\$ 200,00, estudante) — Peça de Amylton de Almeida. Montagem do Grupo Terra. Direção de Renato Saudino. Cenário de Maurício José. Figurinos de Eussa Gil, Florenza Monjardim e Renato Saudino. Sonoplastia e cartaz: Luis Furlane. Iluminação: Ari Roas. Elenco: Florenza Monjardim, Cassia Menezes, Gleyce Coutinho, Márcia Gaudio, Ana Cláudia Segall, Magno Godoy, José Augusto Loureiro, Renato Saudino, Nilton Lima Neto, Luiz Cláudio Gobbi, Moyara Machado, Marcelo Ferreira, Elza Chaves, Oséas Correa e Viviane Pavan.

Quando os jurados do Concurso Capixaba de Dramaturgia — Prêmio Cláudio Bueno Rocha, promovido ano passado pelo DEC, leram o texto de Mamãe Desce ao Inferno, a conclusão foi quase unânime: estávamos diante de uma peça adulta, madura, escrita por alguém que havia vivido intensamente o período de maior repressão política deste país após o golpe de 64: a década de 70. As situações mais constantes daqueles anos — o medo, a delação, o obscurantismo, o ufanismo — ressurgiam no texto através do comportamento de personagens fortes, marcantes. Havia uma satisfação geral entre os jurados por encontrar, num concurso capixaba, um texto da seriedade de Mamãe Desce ao Inferno, e que acabou conquistando o primeiro lugar.

Com habilidade, o autor colocara suas preocupações no centro de uma família, reflexo da sociedade e, portanto, do país. Dina, a mãe possessiva, dividida entre o poder e o medo da realidade; Alarico, o pai, quase impassível diante dos fatos, procurando manter

uma certa dignidade; o cunhado, imigrante português, fascista; a empregada doméstica típica; a vizinha participante da vida da família e os três filhos: Cláudia, frágil, submissa; Bruno e Gerardo, vivendo o drama da opção sexual condenada pela sociedade. Fora da família circulam personagens secundários, como o adepto dos Meninos de Deus, o "menino do Rio" e o policial corrupto. Nessas relações o autor desenvolve o drama que desnuda a realidade opressiva.

A estrutura dramática conta com um elemento importante: as cartomantes. A idéia vem de MacBeth de Shakespeare, como afirma o diretor Renato Saudino: "Nós discutimos sobre quem seriam essas cartomantes dentro da encenação. Elas não poderiam ser simples ciganas, não podiam ser entidades do Além que chegam para prever. E de repente a gente decidiu que elas eram três mulheres que poderiam ser o reflexo da própria Dina. Discutimos, no início da montagem, a possibilidade dessas cartomantes serem feitas pelos mesmos atores que fazem os personagens da família. Ou seja, essas cartomantes seriam uma consciência de Dina, que vivem constantemente cobrando posições dela a respeito do presente, do passado e do futuro, dentro do tempo dela. Ela é uma pessoa que não tem o tempo dela. Está no tempo do país. A primeira idéia então foi fazer isso, por exemplo, que o Alarico fosse uma cartomante, mas depois isso foi dando muitos problemas em termos de encenação. Eu ainda permaneço com a idéia de que as cartomantes funcionam como um reflexo da personalidade de Dina, que tentam mostrar para ela o que deveria estar vendo o futuro que se nega a ver. E um outro elemento fortíssimo dentro da encenação é que as cartomantes marcam o tempo. A maior parte da ação da peça ocorre em 72. As cartomantes é que jogam a peça para frente, para trás".

A encenação de Renato Saudino

é das mais inteligentes. Ele resolveu com grande eficiência a questão dos cenários propostos e procurou contornar os trechos excessivamente literários do texto — às vezes, não consegue —, para evitar o tédio, com a colocação realçada do veículo televisivo. Nesse sentido, a sonoplastia é perfeita. Dentro do clima repressivo retratado pela peça, a televisão funciona para enfatizar o sistema de desinformação e ufanismo. E o tempo do milagre econômico, das mentiras oficiais, enquanto, paralelamente, a repressão tem seu caminho livre.

O texto é pesado às vezes, enfadonho para teatro, mas de ótima qualidade. Já ouvi alguém dizer: "É o início da dramaturgia capixaba..." A encenação é eficiente. O mesmo não se poderia dizer do rendimento do elenco. O personagem de Dina, o mais forte da vasta galeria, é mal interpretado por Gleyce Coutinho, que não consegue ser convincente para representar os diversos momentos de tensão e angústia enfrentados pela dona-de-casa. É um trabalho que exige muita introspecção, sensibilidade e, principalmente, experiência. Carlos Magno Godoy, como Bruno, tem uma interpretação muito fria. Marcelo Ferreira, o Gerardo, também não chega a se destacar. Ana Segall é uma atriz sensível mas não tem muito espaço dentro do espetáculo. Elza Chaves, como a empregada doméstica; Florenza Monjardim, uma das cartomantes e José Augusto Ribeiro, o Alarico, são os melhores do elenco.

O Teatro da Scav está sendo reaberto com Mamãe Desce ao Inferno. Depois da assinatura do convênio entre a Scav e o DEC, os trabalhos de conclusão das obras não tiveram continuidade. O Grupo Terra teve que usar seus próprios atores para limpar o teatro e oferecer as mínimas condições de conforto para o bom público que está comparecendo para assistir à sua mais nova montagem.